



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Praça José Bonifácio: resgate histórico

Raquel Pahim

Universidade Federal de Santa Maria - Campus Cachoeira do Sul

Débora Gregoletto

Universidade Federal de Santa Maria - Campus Cachoeira do Sul

Anicoli Romanini

Universidade Federal de Santa Maria - Campus Cachoeira do Sul

Sessão Temática 06: Cidade, história e identidade cultural

Resumo. Este artigo tem como objetivo fazer um resgate histórico da praça José Bonifácio, localizada no município de Cachoeira do Sul/RS. Esse espaço, enquanto uma das primeiras praças da cidade, carrega uma relevância histórica muito grande e representa a identidade cultural do município. Seu traçado histórico mostra que o local possui uma trajetória de diversas dificuldades que trouxeram como uma das consequências a degradação e a falta de valorização dos monumentos históricos implantados nela. Assim, esse estudo também busca entender a percepção da população cachoeirense sobre a praça no que tange seu uso relacionado aos bens inseridos no espaço.

Palavras-chave. espaço público; resgate histórico; praças.

José Bonifácio Square: historic rescue

Abstract. *This article aims to make a historical rescue of José Bonifácio Square, located in the city of Cachoeira do Sul/RS. This space, as one of the first squares in the city, carries a great historical relevance and represents the cultural identity of the municipality. Its historical outline shows that the place has a trajectory of several difficulties that brought as one of the consequences the degradation and lack of appreciation of the historical monuments implanted in it. Therefore, this study also seeks to understand the perception of the population of Cachoeira about the square in terms of its use related to the goods inserted in the space.*

Keywords: public space; historic rescue; squares.

Plaza José Bonifácio: rescate histórico

Resumen. *Este artículo tiene como objetivo hacer un rescate histórico de la plaza José Bonifácio, ubicada en el municipio de Cachoeira do Sul/RS. Este espacio, como una de las primeras plazas de la ciudad, tiene una gran relevancia histórica y representa la identidad cultural del municipio. Su trazo histórico muestra que el lugar tiene una trayectoria de varias dificultades que trajo como una de las consecuencias la degradación y desvalorización de los monumentos históricos implantados en él. Por lo tanto, este estudio también busca comprender la percepción de la población de Cachoeira sobre la plaza en términos de su uso relacionado con los bienes insertados en el espacio.*

Palabras clave: espacio publico; rescate histórico; plazas.

1. Introdução

O espaço é um fator social e resultado dos processos sociais (SANTOS, 1978, apud SAQUET E SILVA, 2008), logo, além de ser definido política e juridicamente, o espaço é um produto do uso social podendo ser compreendido como “espaço do público”. Segundo Castro (2002), o termo “espaço público” expressa em si, complexidade do ponto de vista sociológico. Enquanto local que proporciona as mais diversas trocas entre os grupos sociais inseridos no espaço urbano, o espaço público tem um papel essencial na construção da cidadania da população e da identidade cultural da cidade.

Compreende-se, assim, que o espaço público, enquanto um local que os indivíduos são livres para utilizar, é um espaço de cidadania, onde o direito à cidade é exercido (CASTRO, 2002). E a cidadania, além de implicar na utilização do território, significa também o direito de ir e vir, trabalhar, habitar e divertir-se (QUEIROGA, 2012). Deste modo, o espaço público que for administrado democraticamente, assegura acesso e oportunidade de expressão para os diversos grupos sociais que o utilizam (GEHL, 2013).

No entanto, sendo um espaço de administração pública, entende-se que os agentes procuram defender seus interesses e objetivos individuais nas tomadas de decisão. As transformações no espaço, portanto, são geralmente motivadas por tendências socioeconômicas que acabam modificando a relação da cidade com o meio ambiente natural (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007).

Segundo Rolnik (1988), os espaços públicos de uso comunitário nos centros urbanos têm se tornado, progressivamente, espaços de circuitos/percursos, enquanto os locais de permanência tornam-se os *shoppings* ou espaços privados. O desenvolvimento e avanço desses “não-lugares”, locais sem identidade, memória e história (AUGÉ, 2012) é causado pelos processos de globalização e fortalecimento dos ideais neoliberais e capitalistas, que refletem na forma como o espaço urbano é vivenciado.

A não utilização dos espaços públicos como local de permanência acaba, conseqüentemente, afastando ainda mais a população de experimentar a cidade. Com isso, os espaços se tornam inseguros e degradados, não exercendo mais sua função de promover qualidade para a vivência urbana da comunidade (INDOVINA, 2002). Tendo em vista que a população de baixa renda cresce cada vez mais no Brasil, é fundamental que os espaços públicos, centrais ou não, sejam palco para as relações sociais de todos, onde o cidadão não seja necessariamente um consumidor, mas sim agente transformador do espaço (QUEIROGA, 2012).

Desse modo, áreas degradadas deveriam passar por reabilitações que atendam aos interesses da comunidade, não somente do capital imobiliário. Os centros urbanos, por exemplo, sempre possuem relevância histórica para a sociedade e requerem atenção de acordo com seus problemas específicos (QUEIROGA, 2012).

Cachoeira do Sul é um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Sul e possui um significativo conjunto urbano e arquitetônico histórico remanescente. Dessa maneira, é fundamental a construção de conhecimento e bibliografia sobre a cidade e seu patrimônio, para que não se perca a essência e a memória do local.

Um dos espaços públicos mais importantes do município é a Praça José Bonifácio (Figura 1), na área central da cidade. Fez parte do primeiro traçado

urbano de Cachoeira do Sul de 1850, mas começou a ser demarcada em 1830 (RITZEL, 2015). A história mostra que a praça já passou por diversas formas, usos, construções e demolições, mas ainda é local de implantação de bens patrimoniais que encontram-se degradados e/ou pouco utilizados. As várias transformações que a praça passou ao longo de seus quase 200 anos de existência trouxeram diversas consequências para esse espaço, que possui uma trajetória de muitas adversidades.



Figura 1. Imagem aérea da Praça José Bonifácio em sua configuração formal atual (fonte: Ernani Marques, 2019).

Esse artigo, além de fazer um resgate histórico de Cachoeira do Sul e da Praça José Bonifácio, busca compreender a relação da população cachoeirense com o patrimônio existente no local. Para isso, foi realizado um mapeamento de uso da praça e das vias do entorno a partir da metodologia de observação de comportamento para levantar como e quais áreas do espaço são utilizadas. Ainda, foi realizado um questionário online para a compreensão mais direta de como a população percebe a praça.

2. Cachoeira do Sul

Cachoeira do Sul, localizada no Rio Grande do Sul, (Figura 2), está inserida no centro do estado, à margem esquerda do Rio Jacuí. A cidade está a 196km da capital Porto Alegre, e pertence majoritariamente ao bioma pampa, na região da Depressão Central.

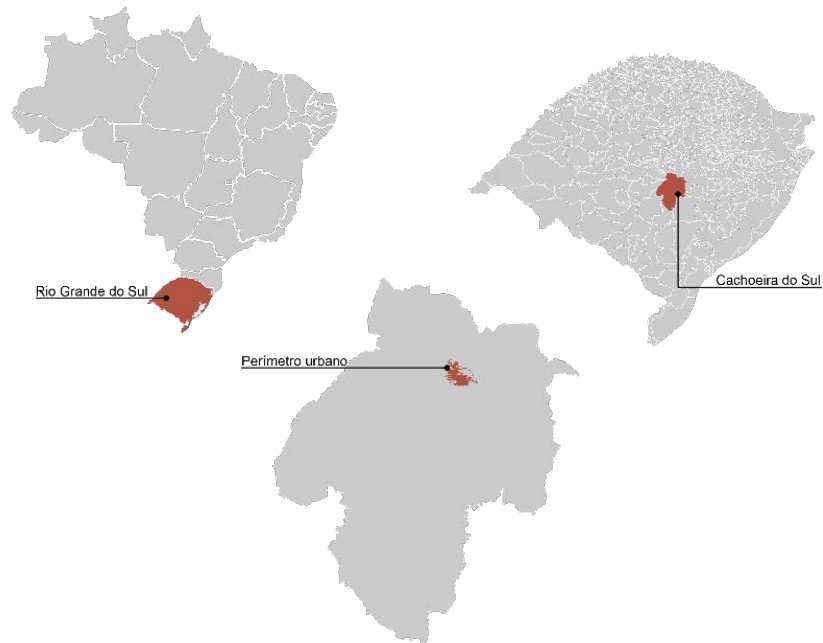


Figura 2. Localização de Cachoeira do Sul (fonte: elaborado pelas autoras).

O início do povoamento do município de Cachoeira do Sul é datado no ano de 1750, quando soldados portugueses se estabeleceram às margens do Rio Jacuí. Esses imigrantes receberam sesmarias do governo de Portugal para ocupar e colonizar essa área do Estado. No entanto, as sesmarias eram muito extensas e distantes umas das outras, fazendo com que ainda não se estabelecesse um núcleo populacional (RITZEL, 2015). Em 1753, os açorianos também passaram a ocupar essa região pois no Arquipélago dos Açores as terras para cultivo estavam escassas (CACHOEIRA DO SUL, s/d).

Foi instalada uma aldeia, às margens do Rio Jacuí, formada por indígenas vindos das Missões no ano de 1769. É nessa época que surge o primeiro nome do núcleo: Capela de São Nicolau. Foi em 1779 que o povoado foi elevado à freguesia, denominada Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira (RITZEL, 2015). O termo “Cachoeira” já foi utilizado em referência à Cachoeira do Fandango, uma queda d’água que existia no Rio Jacuí (CACHOEIRA DO SUL, s/d).

Sua localização central (em relação ao Estado), fez com que houvesse um grande fluxo de passagem pelo território, o que acarretou no aumento da ocupação da freguesia. Dessa forma, surgiu a necessidade e a vontade de se emancipar de Rio Pardo, município do qual Cachoeira do Sul fazia parte. Foi no dia 26 de abril de 1819 que D. João VI assinou a criação da Vila Nova de São João da Cachoeira. No entanto, foi só em 5 de agosto de 1820 que oficialmente Cachoeira se tornou o quinto município do Estado (Figura 3), a partir da criação do Pelourinho e do estabelecimento de uma Câmara Municipal (RITZEL, 2015). A Vila foi elevada à categoria de cidade em 1859 e recebeu a denominação de Cachoeira, permanecendo assim até 1944, quando definitivamente se tornou Cachoeira do Sul (CACHOEIRA DO SUL, s/d).



Figura 3. Mapa do Rio Grande do Sul em 1822 (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

A primeira planta baixa do traçado urbano da cidade (Figura 4) foi desenhada em 1850 pelo engenheiro alemão Johann Martin Buff. Foi tomado como referência para o desenho os limites da Vila e os terrenos das praças José Bonifácio (na época, Praça do Pelourinho), Balthazar de Bem (antigamente denominada como Praça da Igreja) e São João (onde atualmente se localiza o Hospital de Caridade). Sabe-se que já haviam regras para a largura das vias e calçadas, alinhamento das edificações, entre outras, mas ainda não existia um traçado a ser seguido e nem uma planta que representasse o que já era consolidado (RITZEL, 2018).



Figura 4. Primeira planta baixa do traçado urbano de Cachoeira do Sul, 1850 (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

O município recebeu imigração de alemães, italianos, árabes e judeus entre 1857 até a década de 1950. A chegada desses imigrantes fez com que a economia da cidade fosse impulsionada, crescendo através da suinocultura e das culturas do feijão, milho, cana-de-açúcar, alfafa, amendoim, linho e arroz, que se tornou o principal produto de Cachoeira do Sul. Principalmente na primeira metade do século XX, Cachoeira do Sul passou por um *boom* na produção de arroz, se tornando o maior centro de beneficiamento do cereal no Brasil. Esse desenvolvimento econômico fez com que a cidade buscasse a melhoria de sua infraestrutura, transformando o espaço urbano para adequar à elite que surgiu no município (SELBACH, 2007).

Assim, foram realizadas intervenções urbanas que aperfeiçoariam o aspecto físico da cidade. Além da construção de edificações relevantes como Hospital de Caridade, o município recebeu um trabalho de iluminação elétrica na zona central, fornecimento de água e esgoto, melhoria e nivelamento das vias, aumento de calçadas, até plantio de mudas de árvores. Uma das vias mais privilegiadas nessa remodelação foi a Rua Sete de Setembro (Figura 5), que permanece sendo uma das principais em Cachoeira do Sul (SELBACH, 2007). Segundo Selbach (2007), a intervenção nas vias cachoeirenses na década de 1920 também foi impulsionada pelo crescimento de veículos que transitavam na cidade.



Figura 5. Intervenção e melhoramento na via Sete de Setembro (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

No entanto, mudanças na economia decorrentes da Segunda Guerra Mundial e o rápido crescimento da mecanização no beneficiamento do arroz, entre os anos 1940 e 1970, fez com que a população e o município fossem afetados. Esse fato levou a saída de muitos habitantes de Cachoeira do Sul, que buscavam oportunidades em outros municípios (SELBACH, 2007). Dessa forma, a cidade passou por uma crise que estagnou sua economia por um longo período, e uma das consequências, que reverbera até hoje, é a existência de diversas edificações preservadas de décadas anteriores a 1940 (CORRÊA; PAHIM; DELONGUI, 2021).

Entendendo que a história de Cachoeira do Sul é de grande importância para o estado, e sabendo que até hoje uma grande parte do conjunto urbano e arquitetônico histórico do município se mantém existente, acredita-se que é fundamental a manutenção e preservação desses espaços para que não se perca a essência e a memória da cidade.

Tanto por sua localização no centro da cidade quanto por sua importância histórica, é evidente que existem edificações relevantes no entorno da praça

José Bonifácio, seja relacionado a seu uso ou sua importância enquanto patrimônio. A Figura 6 localiza e identifica algumas dessas.

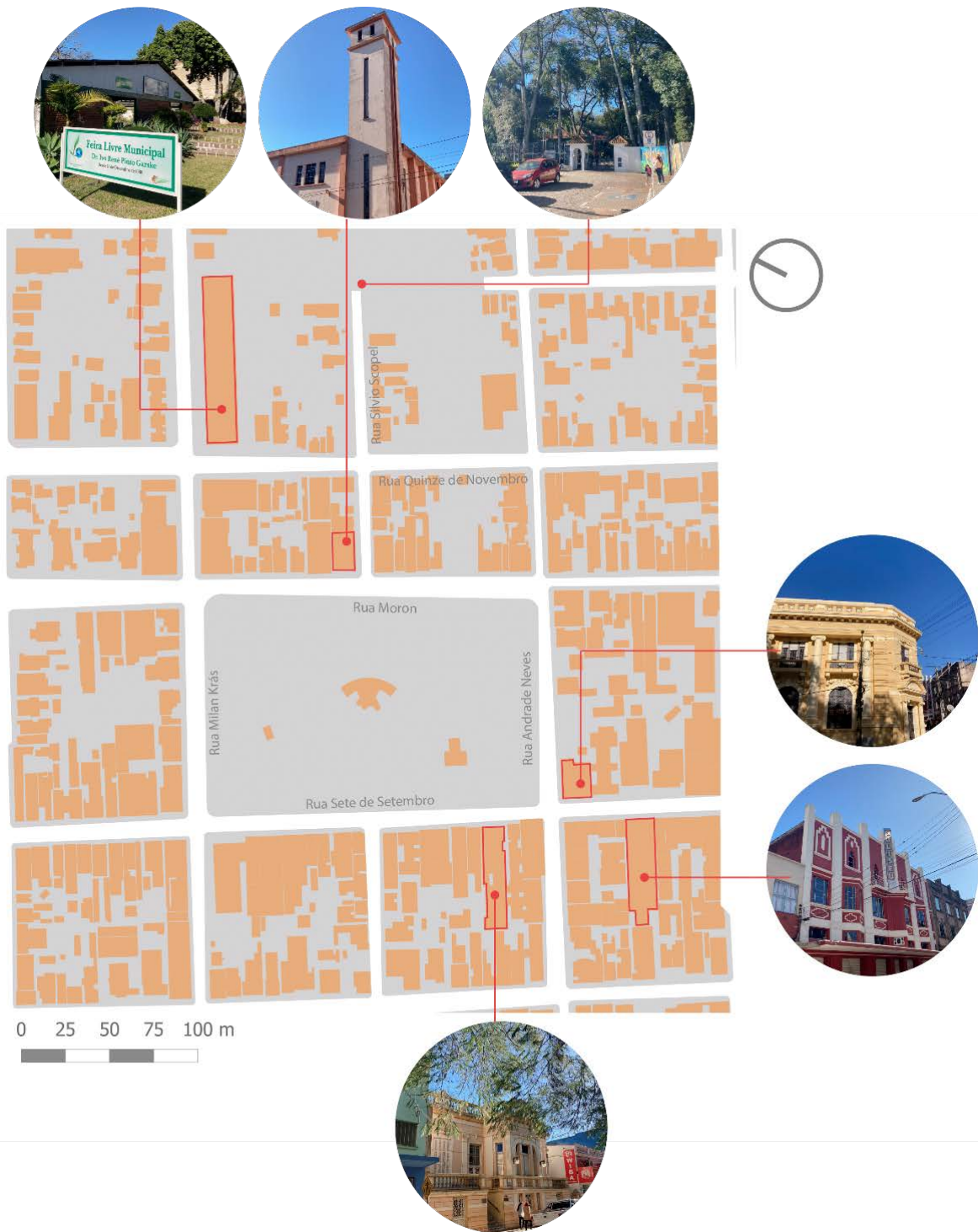


Figura 6. Mapa marcando edificações relevantes do entorno da praça José Bonifácio (fonte: elaborado pelas autoras).

Em frente à praça, na rua Sete de Setembro, está implantada a Casa de Cultura Paulo S. V. da Cunha, tombada pelo COMPAHC em 1985, que atualmente abriga a Biblioteca Pública Municipal Dr. João Minssen. Também tombada à nível municipal, na esquina da mesma rua com a Andrade Neves, está localizado o Palácio Legislativo João Neves da Fontoura, sede da Câmara de Vereadores de Cachoeira do Sul, inaugurado em 1927 como Banco da Província.

3. Praça José Bonifácio

Cachoeira do Sul possui 30 espaços públicos caracterizados como praças e a maioria se localiza nos bairros da cidade, segundo levantamento realizado por Domingues (2020). Existem quatro praças que podem ser consideradas centrais por fazerem parte do eixo histórico de Cachoeira do Sul e das vias principais (Ruas Sete de Setembro, Saldanha Marinho e Júlio de Castilhos): Praças Balthazar de Bem, José Bonifácio, Honorato de Souza Santos e Borges de Medeiros, localizadas na Figura 7.

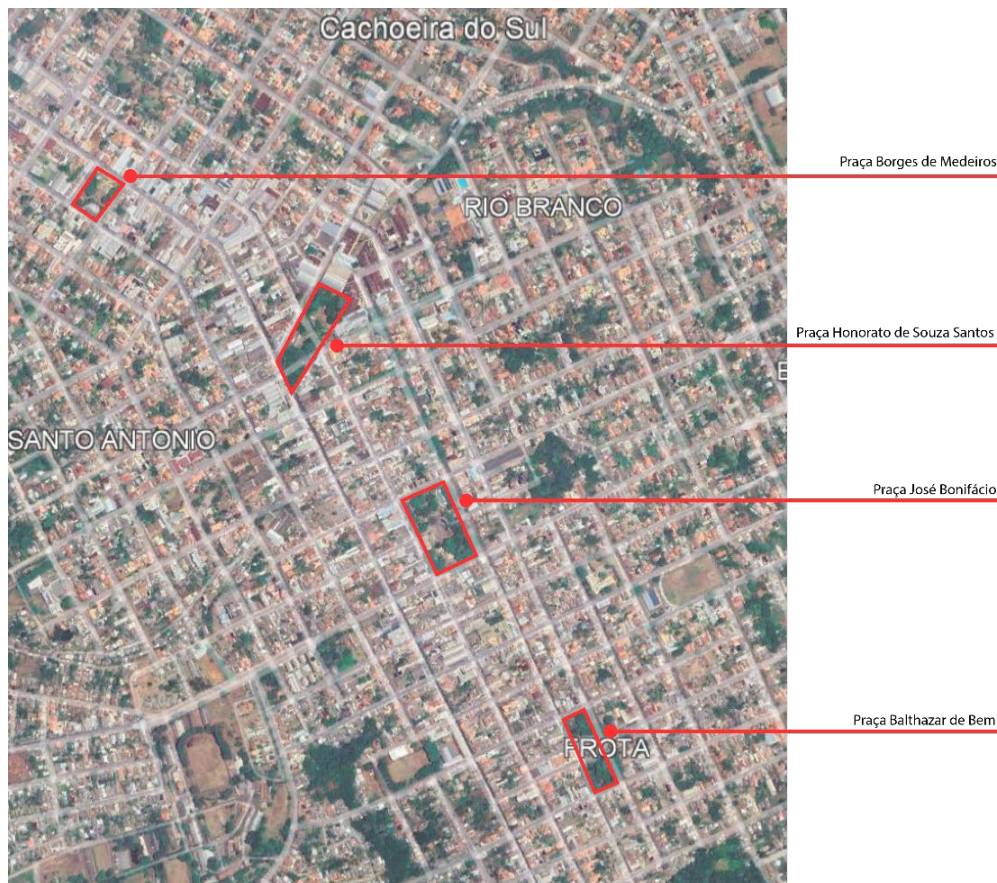


Figura 7. Localização das quatro praças centrais de Cachoeira do Sul (fonte: adaptado de Google Earth, 2022).

A Praça José Bonifácio é considerada uma das mais importantes da cidade, que faz parte do traçado urbano desde 1850, quando foi representada na planta de Buff, mas sabe-se que começou a ser demarcada em 1830 (RITZEL, 2015), 10 anos depois da emancipação de Cachoeira do Sul. No entanto, foi só em 1848 que o local exato foi escolhido: “houve a deliberação de que a praça teria então 600 palmos de largura e de comprimento o correspondente à extensão entre a Rua Santo Antônio (atual Saldanha Marinho) e a da Igreja (atual Moron)” (RITZEL, 2012). Além dessas duas, a praça também é cercada pelas ruas Andrade Neves e Milan Krás. Dessa forma, a cidade dispunha de duas praças: a Balthazar de Bem, que era a praça religiosa de Cachoeira do Sul, e a José Bonifácio, que era a civil, sendo palco da vida política e cultural do município.

A primeira denominação do local foi Praça do Pelourinho, que tem relação com a autonomia da cidade, no entanto não existem documentações que comprovem a localização do pelourinho na praça. Depois, o nome do espaço mudou e se

tornou oficialmente Ponche Verde em 1858, em referência à Revolução Farroupilha. O nome José Bonifácio, que faz alusão à José Bonifácio de Andrada e Silva, patrono da Independência do Brasil, se tornou o nome oficial da praça provavelmente em 1877, mas não existe comprovação exata da data de adoção do nome. Além desses, sabendo que a denominação comum também faz parte da história, a praça já foi popularmente chamada de Praça do Mercado (1882) e Praça das Paineiras (1908) (RITZEL, 2015).

Um dos acontecimentos mais relevantes na história da praça e que fez com que ela se tornasse o centro da vida comunitária da cidade, foi a construção do Mercado Público (Figura 8), no ano de 1882. Essa edificação, inaugurada no dia 30 de setembro, concentrou usos de comércio e serviços no centro da praça José Bonifácio.



Figura 8: Implantação do Mercado Público (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

A alta movimentação que o Mercado provocou na vida urbana Cachoeirense e na praça, fez com que as autoridades municipais se interessassem por promover melhorias tanto nesse espaço quanto na Rua Sete de Setembro. Entre 1902 e 1930, diversas obras foram realizadas e edificações foram construídas na praça. Trabalhos de arborização e ajardinamento do local foram realizados entre 1906 e 1908, que qualificaram a praça em torno do Mercado (Figura 9). Em 1910 foi construído um coreto, que foi palco de apresentações musicais (RITZEL, 2011).



Figura 9. Coreto, à esquerda, Mercado Público, à direita, e a Praça José Bonifácio já ajardinada (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

Foi em torno de 1927 e 1928 que a praça recebeu uma remodelação em seus jardins, a construção de um ringue de patinação, de um pergolado, e da balaustrada na Rua Sete de Setembro, representada na Figura 10. Nessa época, a praça era “um dos mais aprazíveis e encantadores locais públicos do Estado” (RITZEL, 2011). O pergolado e o ringue de patinação, que atualmente é uma quadra poliesportiva, são elementos ainda existentes na praça e são inventariados pelo Inventário do Patrimônio Cultural de Cachoeira do Sul (1989).



Figura 10. Vistas da Praça José Bonifácio na face da via Sete de Setembro no final da década de 1920 (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

Em 1939 foi inaugurado o Bar América, uma das edificações que permanece existente até hoje. O cinema e os outros bares e restaurantes já não existiam mais em 1940, quando foi implantado um parque infantil. O Mercado Público foi demolido no ano de 1957 por estar bastante degradado devido à falta de manutenção. Segundo uma notícia do jornal O Comércio, de janeiro de 1957, parte do material remanescente da demolição do Mercado foi utilizado para a construção do Quartel do Corpo de Bombeiros. Ainda, é noticiado que, no local do Mercado, seria construída uma fonte luminosa.

Em 1968, durante a II Fenarroz, houve a inauguração da Fonte das Águas Dançantes Artibano Savi, no centro da praça José Bonifácio, conforme relatado

11 anos antes pelo Jornal O Comércio. Artibano Savi foi o idealizador e construtor da fonte, que sabe-se ser a primeira do gênero na América Latina. A fonte (Figura 11) era acionada na noite das quartas-feiras, sábados e domingos, com esguichos de água e luz que sincronizam com melodias (RITZEL, 2011). A edificação existente atrás da fonte, conforme Figura 53, foi construída para funcionar como um orquidário. Com o tempo, foi desocupada e em 1995 foi objeto de reforma, quando passou a ser ocupada pela Casa do Artesão. Tanto a edificação do antigo orquidário quanto a Fonte das Águas Dançantes também são inventariados a nível municipal.



Figura 11. Fonte das Águas Dançantes Artibano Savi em primeiro plano e antigo orquidário ao fundo (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

Com o fechamento do Bar América, a retirada de postes de luz, mobiliários, balaustrada e floreiras, a praça entrou em decadência na década de 1980. Houve um concurso de 1992 que premiou um projeto, como representa o croqui da Figura 12, cuja configuração é a mais parecida com a praça atualmente. As obras duraram alguns anos e, dessa proposta, alguns itens não foram implantados, como os arcos metálicos na “entrada” da praça.

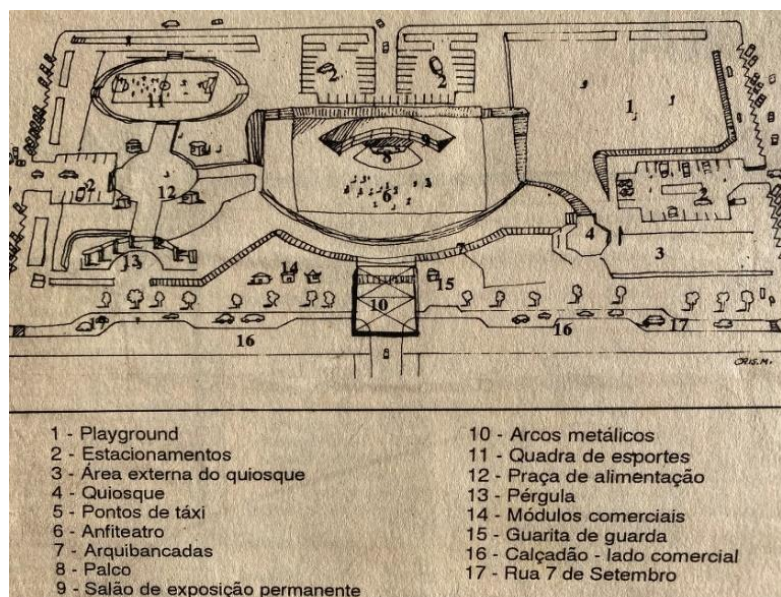


Figura 12. Foto de matéria do Jornal do Povo do dia 27 de fevereiro de 1993 que ilustrava a proposta de projeto para a Praça José Bonifácio (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

É evidente, portanto, que a praça passou por diversas transformações ao longo de sua existência. Desde a década de 1990, é possível perceber pelas notícias do Jornal O Povo (Figura 13), que o local sofreu muita degradação e diversas tentativas de requalificação, que nunca foram inteiramente aplicadas.



Figura 13. Fotos de reportagens do Jornal o Povo (fonte: acervo do Museu Municipal de Cachoeira do Sul).

As consequências da falta de recursos e o descaso que a praça sofreu reverberam até hoje de forma perceptível no dia a dia com a não utilização de diversas áreas do espaço, a degradação de bens e a desconexão entre os usos e equipamentos no local. Dessa forma, para compreender mais a fundo as problemáticas da praça e a relação da população com esse espaço, acredita-se que a observação comportamental pode ser uma ferramenta essencial para colaborar nesse processo.

Atualmente, a praça José Bonifácio é um espaço com usos diversificados, como evidencia a Figura 14, em decorrência das transformações que enfrentou. A forma como a população utiliza esses diversos espaços será avaliada na metodologia a partir de um estudo de observação comportamental.

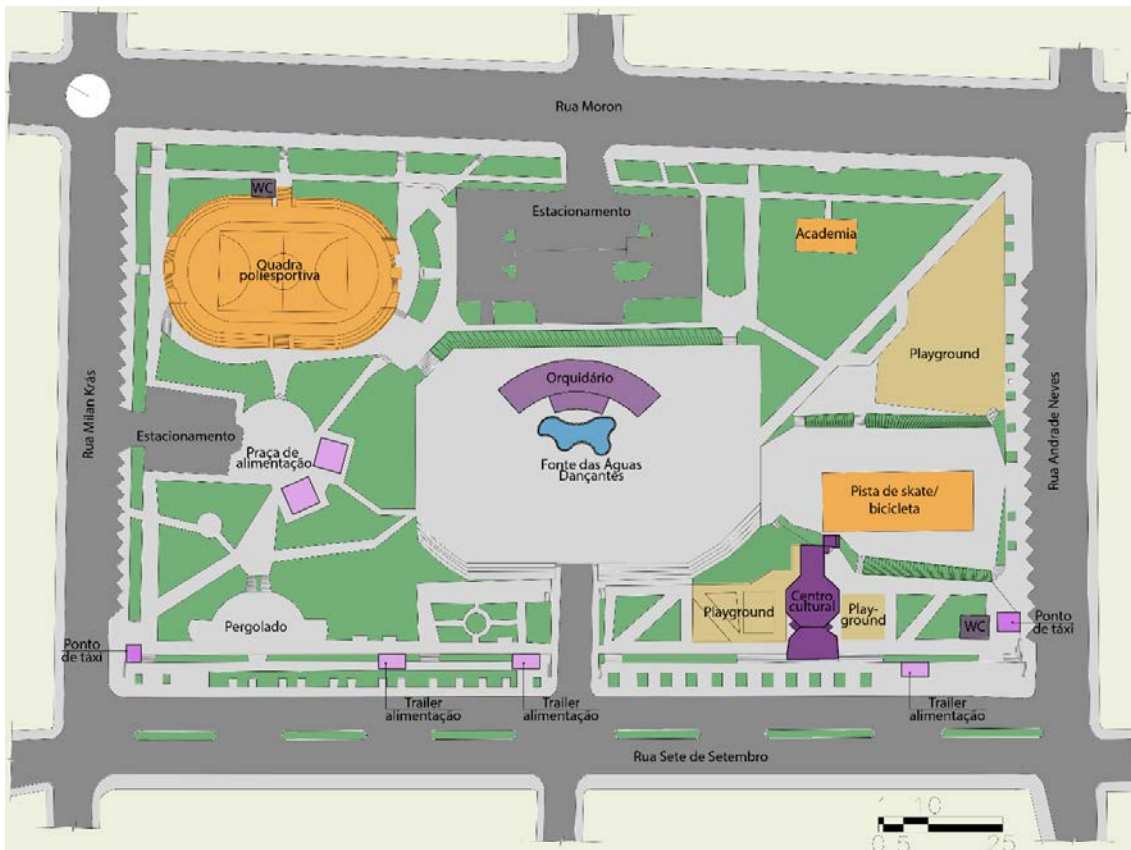


Figura 14. Implantação da praça José Bonifácio mostrando os usos que ocorrem em sua extensão (fonte: elaborado pelas autoras, 2022).

4. Estudo de observação comportamental

O estudo de observação comportamental foi realizado a partir do método de mapeamento, que representa, a partir da marcação em um mapa, as atividades que os indivíduos desenvolvem no período e espaço em análise. Dessa maneira, é possível verificar quem utiliza o espaço e onde ocorrem as maiores e menores concentrações de pessoas. Esse tipo de estudo foi utilizado por William H. Whyte (1980) em praças em Nova York, além de descrito por Gehl e Svarre em “A vida na cidade: como estudar” (2013).

Essas observações foram realizadas nos dias 31 de maio e 02, 03, 04, 11, 12 e 13 de junho, em diferentes horários, e prezando sempre por dias ensolarados para que o tempo não fosse um fator tão prejudicial no uso do espaço, visto que foi um período de outono. As observações consistiram em três percursos: um no perímetro e outro percorrendo o interior da praça, passando por todas as suas áreas de atividades e equipamentos, e um trajeto nas calçadas das vias adjacentes à praça. Os usuários e atividades que estavam sendo desenvolvidas foram classificadas em:

- a) Mulher em repouso (sentada ou em pé parada)
- b) Mulher em deslocamento (caminhando, entrando ou saindo de estabelecimentos)
- c) Homem em repouso (sentado ou em pé parado)
- d) Homem em deslocamento (caminhando, entrando ou saindo de estabelecimentos)
- e) Criança em repouso (sentada ou em pé parada)

- f) Criança em deslocamento (caminhando, entrando ou saindo de estabelecimentos)
- g) Criança em atividade (brincando em alguma das áreas da praça)
- h) Homem ou mulher trabalhando (pessoas vendendo alimentos ou outros objetos na rua)

As categorias foram marcadas em uma implantação da praça e vias do entorno, gerando oito mapas comportamentais. Estes, foram sobrepostos para gerar um único mapa (Figura 15) que representasse, portanto, a forma como os cachoeirenses utilizam o espaço em análise.

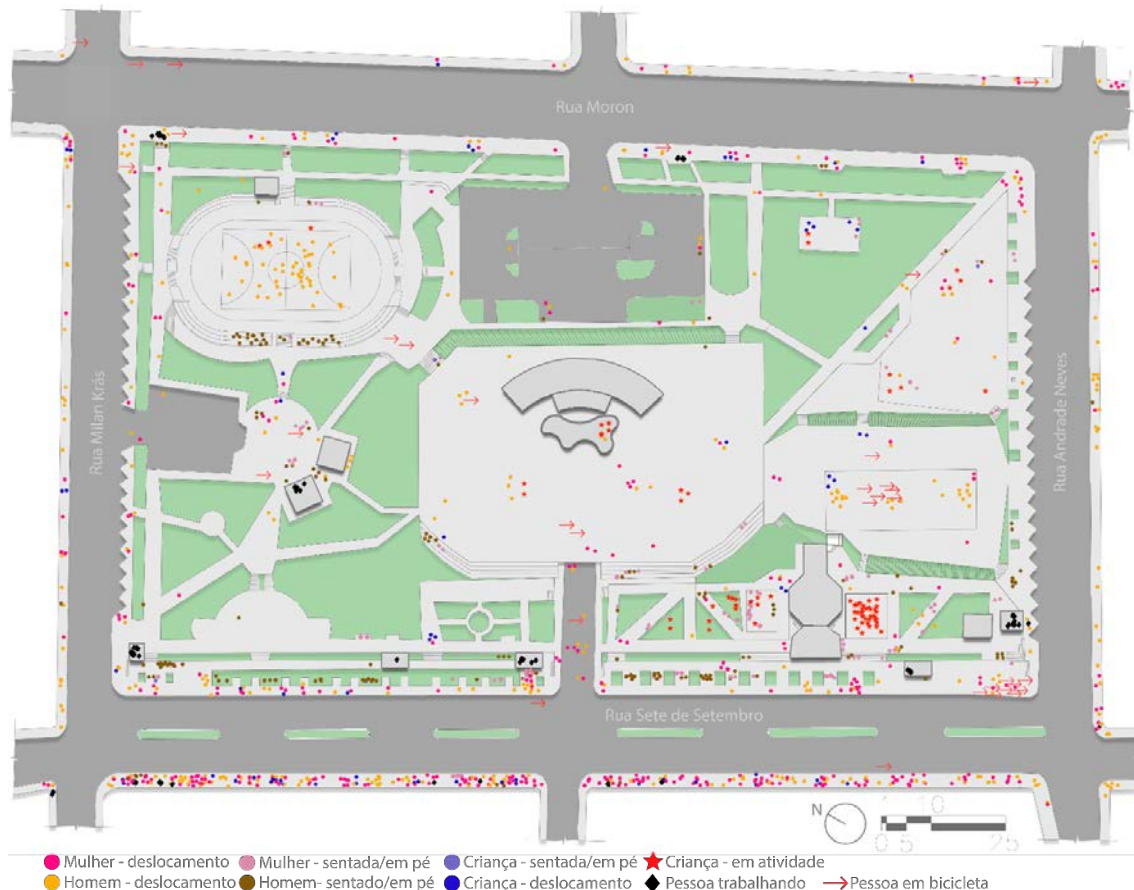


Figura 15. Mapa sobrepondo todas as atividades identificadas na praça e no entorno nas observações de comportamento (fonte: elaborado pela autora, 2022).

É evidente que, por ser uma via extremamente comercial, a Sete de Setembro é intensamente utilizada nos dias de semana. Já as outras vias, por não possuírem um uso tão interessante e/ou consolidado, têm pouco movimento, assim como as calçadas da praça. Foi identificado que durante a semana a praça é utilizada principalmente como espaço de passagem. No entanto, foi possível perceber que, mesmo as calçadas das vias adjacentes não possuindo muito uso, as pessoas ainda geralmente optam por passar por elas ao invés dos passeios da praça, com exceção da rua Moron. Ainda, nesses dias, as atividades de permanência na praça eram, geralmente, pessoas sentadas nos bancos voltados para a rua Sete de Setembro. Dos indivíduos mapeados, 22,8% estavam passando pela praça e 36,14% pelas outras vias.

Das pessoas mapeadas, apenas 11,5% estavam utilizando a praça José Bonifácio como um espaço de permanência sem estar associada a alguma atividade, sendo que 6,5% eram os usuários no sábado e domingo à tarde. Isso

significa que, os outros seis turnos de mapeamento correspondem a 5% desse tipo de utilização e, considerando a localização da praça, julga-se um nível extremamente baixo de uso.

Domingo à tarde é o dia que a praça é mais utilizada enquanto espaço de lazer e permanência, principalmente as duas áreas de playground voltadas para a rua Sete de Setembro. Além disso, domingo foi o único dia em que houve atividades expressivas na parte central da praça: crianças jogando bola, andando de bicicleta, correndo, etc. Nos demais dias, poucas pessoas ocuparam o espaço – tanto como passagem, quanto como permanência. O centro da praça é ocupado por dois bens patrimoniais inventariados (Figura 16) que se encontram relativamente subutilizados. O antigo orquidário é ocupado pela Casa do Artesão, que abre somente à tarde durante a semana, não gerando muito interesse por parte da população em relação à edificação. Já a Fonte das Águas Dançantes encontra-se desligada há algum tempo, também não atraindo mais o cachoeirense.



Figura 16. Área central da praça com a edificação do antigo orquidário (atual Casa do Artesão) e Fonte das Águas Dançantes (fonte: autora, 2022).

A quadra poliesportiva (Figura 17A) é bem utilizada, visto que foi comum observar homens praticando esportes. No dia 12 de junho, domingo à tarde, foi observado um evento de competição de futebol nesse local, onde existiam várias pessoas sentadas na arquibancada da quadra e cerca de 25 pessoas em atividade. Já na área do pergolado (Figura 17B), foi observado, entre todos os dias, apenas um homem sentado. Isso mostra que esse espaço, assim como os canteiros do entorno, é muito mal utilizado e sem conexões coerentes com o restante da praça.



Figura 17. Quadra poliesportiva (A) e pergolado (B) (fonte: autora, 2022).

Com o mapeamento foi possível visualizar que a falta de conexão entre os usos, equipamentos e disposição dos canteiros de vegetação é prejudicial para o desenvolvimento das diversas atividades propostas nesse espaço. Isso associado à falta de atratividade nas áreas dos bens inventariados, prejudica a valorização destes, gerando desinteresse da população na identificação com esses elementos.

5. Questionário

Para analisar a praça para além da observação de comportamento, foi realizado um questionário online através do Formulários Google. Este, foi divulgado entre os alunos da Universidade Federal de Santa Maria, campus de Cachoeira do Sul, nas redes sociais e para o meio externo, a partir de panfletos colados e distribuídos no entorno da praça José Bonifácio. Os dados foram coletados entre os dias 24 de junho e 06 de julho, obtendo um número de 156 respostas.

O questionário foi constituído de 18 perguntas, incluindo questões básicas de caracterização do respondente (gênero, faixa etária, escolaridade e se mora próximo ou não da José Bonifácio), se o respondente utiliza a praça, com qual frequência, quais turnos e quais dias da semana. Além disso, foram colocadas questões de caracterização da praça tanto em seu estado de preservação e nível de segurança, quanto relativas à qualidade de atividades e equipamentos que o espaço oferece.

Foi questionado o nível de preservação geral da praça, mas especificamente também dos monumentos e elementos arquitetônicos implantados nela (pergolado, Fonte das Águas Dançantes, antigo orquidário) e dos locais de lazer (quadra, brinquedos, academia). Além disso, foram feitas diversas perguntas relacionadas ao nível de satisfação do respondente em relação aos usos existentes, quais atividades são realizadas na praça, quais motivos fazem a população utilizar ou não o espaço e, por fim, um espaço para opiniões e percepções gerais em relação à praça.

Em relação ao nível de segurança da praça (Figura 18), apenas 6,4% dos respondentes consideram o local muito seguro ou seguro; 42,9% consideram a

praça nem segura, nem insegura, e a maioria dos respondentes, 50,6% das pessoas acham a praça insegura ou muito insegura. As razões para a avaliação de segurança, além das já sugeridas (iluminação, policiamento e vegetação), se repetiram bastante entre as respostas: o fato de os espaços da praça serem muito segmentados, aliado à má solução dos desníveis, faz com que as conexões visuais do local sejam comprometidas, facilitando, por exemplo, para que pessoas “se escondam” em pontos cegos.



Figura 18. Gráficos das respostas do questionário correspondentes ao nível de segurança da praça, de preservação geral do espaço e dos monumentos (fonte: elaborado pela autora, 2022).

Quanto ao nível de preservação da José Bonifácio, apenas 16% dos respondentes acham satisfatório; 48,7% insatisfatório, 6,4% muito insatisfatório e nem satisfatório, nem insatisfatório, 28,8%. A proporção das respostas em relação ao nível de preservação dos monumentos é semelhante ao nível geral da praça, onde 76,9% dos respondentes consideram os elementos insatisfatórios ou muito insatisfatórios. Já acerca dos locais de lazer da praça (quadra poliesportiva, brinquedos, academia), o nível de preservação apontado pelos respondentes foi de 34% satisfatório, nem satisfatório, nem insatisfatório foi de 37,8% e 25% considerou insatisfatório.

Foi possível compreender a partir das respostas do questionário que a população reconhece o descaso com a preservação da José Bonifácio e a falta de valorização de seus monumentos, além de perceber também os elementos que tornam a praça um espaço inseguro e desagradável de permanecer.

6. Conclusão

Através das análises realizadas, foi possível verificar que as atitudes reveladas nas de comportamento e as percepções gerais do questionário coincidem. A população reconhece o descaso com a preservação da praça José Bonifácio, em que a falta de segurança associada à carência de locais de permanência, se reflete na maneira como a população utiliza a praça, apenas como local de passagem e sem a valorização expressiva de seus monumentos. Tais constatações vão ao encontro da afirmação de Indovina (2002) que espaços públicos inseguros e degradados, não exercem mais sua função de promover qualidade para a vivência urbana da comunidade, assim como com o entendimento de Rolnik (1988) de que os espaços públicos de uso comunitário nos centros urbanos têm se tornado, progressivamente, espaços de circuitos/percursos.

Acredita-se, portanto, que a forma como a cidade percebe e utiliza esse espaço está diretamente ligada à sua história de negligência e falta de planejamento por parte do poder público. Locais representativos e historicamente relevantes como a praça José Bonifácio não podem perder a identidade – sua memória deve ser preservada e valorizada.

Compreendendo as questões históricas e sociais que fazem parte do contexto desse local, e sabendo da relevância que esse espaço público tem para a cidade e para a população cachoeirense, entende-se que um elo entre o passado e o presente ainda pode ser reestabelecido, por meio de novas conexões que resgatam a cultura e a memória do lugar.

7. Referências

AUGÉ, Marc. Dos Lugares aos Não Lugares. In: AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 71-105.

CASTRO, Alexandra. Espaços Públicos, Coexistência Social e Cívica: contributos para uma reflexão sobre os espaços públicos urbanos. **Cidades: Comunidades e Territórios**, Lisboa, n. 5, p. 53-67, dez. 2002.

CORREIA, Natália Noronha Aenhe; PAHIM, Raquel Tatsch de Figueiredo; DELONGUI, Luiza Segabinazzi Pacheco. **REESTRUTURAÇÃO DAS FICHAS DO INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE CACHOEIRA DO SUL/RS**. In: CONGRESSO NACIONAL PARA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 3., 2021, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Unifesp, 2021. p. 827-841.

DOMINGUES, Quétilan Rodrigues. **Planejamento e projeto urbano: qualificação de espaços públicos por meio de infraestrutura sustentável em Cachoeira do Sul/RS**. 2020. 137 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Maria, Cachoeira do Sul, 2020.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cachoeira do Sul**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cachoeira-do-sul/panorama>. Acesso em 16 jun 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Resultados do Universo Agregados por Setor Censitário**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2011. Disponível em: ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/Agregados_por_Setores_Censitarios/. Acesso em: 16 jun 2022.

INDOVINA, Francesco. O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança. **Cidades: Comunidades e Territórios**, Lisboa, n. 5, p. 119-123, dez. 2002.

OLIVEIRA, Lucimara Albieri de; MASCARÓ, Juan José. **Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer**. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 59-69, jun. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/3737/2090>. Acesso em: 22 abr. 2022.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e**

lugares urbanos brasileiros. 2012. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RITZEL, Mirian. **A planta de Buff**. 2018. Disponível em: <https://historiadecachoeiradosul.blogspot.com/2018/12/a-planta-de-buff.html>. Acesso em: 19 jun. 2022.

RITZEL, Mirian. **A Praça do Patriarca**. 2015. Disponível em: <https://historiadecachoeiradosul.blogspot.com/2015/01/a-praca-do-patriarca.html>. Acesso em: 21 jun. 2022.

RITZEL, Mirian. **Fonte das Águas Dançantes - 43 anos**. 2011. Disponível em: <https://historiadecachoeiradosul.blogspot.com/2011/05/fonte-das-aguas-dancantes-43-anos.html>. Acesso em: 23 jun. 2022.

RITZEL, Mirian. **Saudoso Mercado Público**. 2011. Disponível em: <https://historiadecachoeiradosul.blogspot.com/2011/06/saudoso-mercado-publico.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SAQUET, Marcos Aurelio; SILVA, Sueli Santos da. MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território. **Geo Uerj**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 18, p. 24-42, 2008. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/geouerj>.

SELBACH, Jeferson. **Muito além da praça José Bonifácio: as elites e os “outsiders” em Cachoeira do Sul, pela voz do Jornal do Povo. 1930-1945**. Cachoeira do Sul: Do Autor, 2007. 197 p.

WHYTE, W. H. **The social life of small urban spaces**. New York: Project for Public Spaces, 1980.